

O misticismo de Torto Arado como uma alegoria representativa da desigualdade de gênero, raça e classe que afeta as mulheres negras no Brasil

The mysticism of Torto Arado as an representative allegory of the gender, race and class inequality that affects the black women in Brazil

Artigo recebido em 07/07/2023 e aprovado em 06/10/2023.

Julia Rocha Chaves de Queiroz e Silva Catolino

Mestre em direito e Estado na Era Digital, pela UNIVE. Pós-graduada em direitos humanos e bacharela em direito, ambas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba. Professora convocada da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS e das Faculdades Integradas de Paranaíba – FIPAR.

Soffia de Oliveira Marinho

Discente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS.

Resumo

O artigo tem por escopo analisar a profundidade da escrita de Itamar Vieira Júnior na premiada obra *Torto Arado* ao tratar de temas como a desigualdade de gênero, raça e classe presentes nas comunidades quilombolas da Chapada Diamantina. Enquadrando-se na perspectiva literária do Realismo Mágico, o livro em comento utiliza a religião do Jarê e suas peculiaridades para, por meio de suas alegorias e da complexa vivência das personagens principais, como de toda comunidade de Água Negra, tecer uma crítica social profunda ao esquecimento sofrido por comunidades quilombolas, rurais e de baixa renda, permitindo perceber que, nesse tipo de contexto social desfavorável, o racismo e o sexismo encontram ainda mais forças para se desenvolver e afastar as mulheres de seus direitos humanos. O trabalho em tela utilizou o método indutivo e a pesquisa bibliográfica e legal para demonstrar a relevância da obra no reconhecimento e na valorização dos povos quilombolas, além da necessária sensibilização acerca da temática da tríplex e interseccional desigualdade que afeta as mulheres negras de baixa renda da Chapada da Diamantina, permitindo que se compreenda a necessidade de uma real mudança cultural positiva rumo à igualdade.

Palavras-chaves: desigualdade de gênero; direito; mulher; obra literária; raça; violência de gênero.

Abstract

The article aims to analyze depth of Itamar Vieira Junior's writing in the awarded work Torto Arado when dealing topics like the gender, race and class inequality present in quilombola communities of the Chapada Diamantina. Considered in the literary perspective of Magical Realism, the aforementioned book uses the Jarê religion and its peculiarities to, by means of its allegories and the complex living of the main characters, like the whole community of Água Negra, build up a social and depth criticism to the oblivion suffered by rural, poor, quilombola communities, allowing to realize that, on this type of unfavorable social context, the racism and sexism find even more strength to develop and depart women from its human rights. The present work has used the inductive method and the legal and bibliographical research to demonstrate the relevance of the work on the recognition and appreciation of the quilombola people, beyond the necessary awareness about the topic of the triple and intersectional inequality that affects the black poor women of Chapada Diamantina, enabling to understand the need of a real and positive cultural changing towards reaching equality.

Keywords: gender inequality; law; woman; literary work; race; gender violence.

1 Introdução

Fruto da imaginação, do conhecimento e da dedicação de Itamar Vieira Junior, o livro *Torto Arado*, desde 2019, ano de sua publicação, vem sendo um grande sucesso da literatura brasileira, tendo recebido prêmios, como o Jabuti de romance literário e o Oceanos, ambos em 2020, já apontando desde sua criação o grande potencial desse autor contemporâneo (CNN, 2021).

Apesar de ter ganho também a premiação Leya (2021), dedicada às obras literárias enquadradas no gênero Romance, a obra em comento vem sendo apontada como uma produção típica do Realismo Mágico, por trazer intensas críticas sociais aliadas a um misticismo muito significativo, fruto das percepções do autor acerca da “territorialidade, memória e oralidade” dos povos descendentes de africanos escravizados em solo pátrio.

O traço cultural e religioso, tão marcante na obra, ao passo em que gera visibilidade à riqueza e à multiplicidade das culturas africanas e suas práticas religiosas, demonstrando uma tendência literária inovadora e com escopos decoloniais nas representações das benzeções de Zeca Chapéu Grande, na magia dos “encantados”, na alegria dos Jarês e nas mazelas vivenciadas por toda a comunidade de Água Negra, de maneira magnética e mágica, leva atenção a problemáticas jurídicas, profundas e complexas, como principalmente, a ainda latente existência de trabalhadores em situação análoga à escravidão, à exacerbada desigualdade social, ao racismo e ao machismo (El País, 2020).

Itamar Vieira Junior, além de ser graduado e mestre em Geografia pela UFBA, é doutor em “Estudos Étnicos e Africanos”, possuindo como uma de suas linhas de pesquisa o estudo sobre a formação de comunidades quilombolas no interior do Nordeste. Ainda no que concerne à trajetória profissional do autor, vale citar que Itamar é servidor público na Chapada Diamantina, no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (CNN, 2021).

O impacto das vivências, tanto pessoais quanto acadêmicas do autor, pode ser percebido nas peculiaridades de sua escrita, mas, sobretudo, na construção das personagens centrais do livro, Bibiana e Belonísia, que parecem dar vida às lutas testemunhadas por Itamar, nas comunidades quilombolas da Chapada Diamantina. Pode-se considerar até que a construção do autor como pessoa, pesquisador e cidadão parecia estar preparando-o para a profundidade da mensagem social a ser transmitida por ele, no livro *Torto Arado*.

A mudança do autor para a Bahia e a aproximação com as comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas alimentou ainda mais o seu interesse pelas manifestações religiosas que são populares na região. Foi por meio desse contato com as expressões de espiritualidade que ele encontrou uma forma de fazer sua própria leitura da sociedade. Após seu contato com o Jarê, prática religiosa de matriz africana específica da região da Chapada Diamantina, retratada na obra em comento, ele retomou anotações antigas e as reformulou de acordo com as experiências vistas e vivenciadas no citado local, as quais resultaram na obra “*Torto Arado*” (El País, 2020).

Ao final deste breve introito acerca da vida e obra do autor Itamar Vieira Junior, cabe acrescentar que, no desenrolar da pesquisa da sua tese de doutorado junto à comunidade quilombola lúna, o autor pode perceber o quão necessário era realizar uma leitura social de comunidades com ascendência negra ligada à diáspora africana. Logo, fazendo adjeção dessas novas percepções histórico-culturais adquiridas, Itamar deu vida à história de fé e resiliência de Bibiana e Belonísia, na riqueza de detalhes do Jarê diamantino.

2 A problemática interseccional de “Torto Arado”: o contraste da leveza literária frente às mazelas da sociedade desigual, racista e patriarcal brasileira

Torto Arado é uma obra sobre o tempo, a terra, a fé, a desigualdade, o machismo e o racismo. A narrativa tríplice do livro demonstra em sua pluralidade de vozes perspectivas diferentes acerca da vivência sofrida e invisibilizada do povo de Água Negra.

É possível abstrair da leitura da obra, de maneira quase palpável, o peso do esquecimento de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas, geralmente de baixa renda, como a comunidade retratada no livro, que evocam no leitor uma visão crítica acerca da situação atual do Brasil na proteção insuficiente dos descendentes dos escravizados e dos povos originários.

A ideia de uma “dívida” histórica frente a tais comunidades passa a se desenhar de maneira lógica, quando se percebe que a falsa libertação escravocrata brasileira alforriou pessoas, mas aprisionou seus sonhos de liberdade e de igualdade.

Também é de se ressaltar na obra a peculiaridade religiosa do Jarê praticado unicamente na Chapada Diamantina, no Brasil, como uma vertente não reconhecida do Candomblé, o que demonstra que a despeito da tentativa de reduzir a cultura proveniente do continente africano em algo simplificado, deve-se ter em mente que no período colonial, em decorrência da escravização, chegaram em terras brasileiras pessoas de diferentes países africanos, localidades, línguas, religiões, cultura, entre outras coisas. A atitude do autor de dar voz a uma religião tão pouco conhecida como o Jarê praticado na região da Chapada Diamantina por descendentes de pessoas escravizadas é um resgate racial e histórico importantíssimo para a cultura brasileira.

A obra, a despeito de ser contemporânea parece levar o leitor a uma viagem pelo Brasil colônia e pela riqueza das culturas africanas sufocadas em um sistema escravocrata e machista. Apesar da passagem do tempo, a temática do livro, mostra-se ainda extremamente vinculada a essa lógica exploratória e desigual, como explica Francine Ramos (2022):

Em alguns momentos, a sensação é de estar diante de uma obra que representa o Brasil colonial. Em outros, pequenos elementos são adicionados e identificamos que a história de Água Negra é sobre um período mais atual do Brasil. E depois, entendemos que Torto Arado é também sobre um povo que permanece enraizado de tal forma que a passagem dos dias não gera o mesmo efeito.

Por essa e tantas outras razões, Torto Arado pode ser considerada uma obra atemporal, ou seja, que não se limita a explicar uma situação fática relacionada a apenas um período temporal, não é uma obra com data de validade, ou termo final pré-agendado. O peso histórico da escrita de Itamar Vieira Junior, aliado ao seu enquadramento nas problemáticas contemporâneas, faz com que o livro em tela possa ser lido e relido, interpretado e reinterpretado por gerações a fio.

O pano de fundo da obra de Itamar Vieira Júnior é a realidade vivenciada por pessoas que interseccionalmente compõem vários grupos minoritários, pessoas carentes na mais profunda semântica a ser designada a essa palavra, pessoas carentes de direitos, de visibilidade, de reconhecimento, de igualdade, de dignidade, além de toda sorte de carência material.

O autor faz perceber também que o esquecimento vivenciado por esse povo é também geográfico, ou seja, o distanciamento das grandes cidades e a falta de recursos materiais facilitam que, muitas vezes, tais realidades não sejam valorizadas e consideradas, fazendo com que tais grupos minoritários padeçam da salvaguarda legal esperada.

A obra relata a vivência de pessoas em situação análoga à escravidão em fazendas onde as residências construídas em barro são miseráveis e precárias, em razão dos donos das terras não permitirem construções em alvenaria. Além disso, os trabalhadores escravizados ainda passam por dificuldades alimentares, falta de acesso a medicamentos e atendimento de saúde de qualidade, além da insegurança de sua permanência ou não na terra a qual se filiaram e criaram laços afetivos.

Pode-se dizer ainda que a obra aponta a realidade vivenciada por uma sociedade que além de desigual, por ocasião da situação análoga à escravidão que afeta muitos senão todos os residentes de Água Negra, é também racista e patriarcal. Tal situação pode ser percebida pela organização interna da comunidade revelada na obediência a lideranças religiosas masculinas, como a de Zeca Chapéu Grande, pai das protagonistas, além do papel de liderança social, que demonstram como a sociedade de Água Negra é uma sociedade patriarcal, ou seja, uma sociedade de dominância masculina.

A posição de liderança de Zeca Chapéu Grande é muito simbólica para mostrar como até em sociedades paupérrimas como a de Água Negra, a desigualdade pode imperar entre as pessoas, no que tange ao gênero. O pai de Belonísia e Bibiana além de ser respeitado como líder religioso e benzedor, também preenche papéis sociais que poderiam ser desempenhados por autoridades locais, se aquela pequena comunidade fosse realmente enxergada por pessoas externas a ela.

Em uma primeira análise, principalmente a um olhar mais desatento, o livro não aparenta trazer uma história que se aprofunde tanto nas origens do Brasil, nem que proporcionaria ao leitor um compilado de conhecimentos culturais tão vasto e rico. Porém, sua escrita e história ultrapassam todas as expectativas possivelmente criadas ao utilizar um contexto social pequeno, em dimensões geográficas, mas com a capacidade de representar com primor toda a sociedade brasileira e a sua faceta ainda marcada pela desigualdade social, racial e de gênero, na interseccionalidade e complexidade de tal opressão triplíce (Davis, 2016).

A história da obra em comento inicia com um trágico acontecimento que modificou por inteiro a vida das duas irmãs, Bibiana e Belonísia. Continuamente, a história se desenrola com as experiências vividas pelas irmãs e traz um enfoque especial à união e ao amor existente entre elas e como essa relação as fortalece diante de tantas dificuldades e desigualdades percebidas.

Todo o desenrolar da história da relação entre as irmãs é permeado pelo fato de que a comunidade de Água Negra tanto quanto Bibiana e Belonísia, padecem de direitos civis e trabalhistas, de acesso à informação, de carências materiais e de reconhecimento social. O autor consegue trazer discussões atuais e relevantes ao direito e à literatura nas relações descritas na obra.

De maneira poética, no apoio dado por Bibiana à Belonísia para a comunicação, resta a mensagem de que a voz feminina, como a negra e a do povo, é mais forte quando conjunta e, é, sob tais mensagens, fortemente carregadas de poder e esperança. Assim, a obra "Torto Arado" consolida-se como uma obra disruptiva, transformadora e representativa.

3 O simbólico silenciamento de Belonísia em meio às problemáticas já existentes no contexto social de Água Negra

Desde o início do livro, a união e cumplicidade entre Bibiana e Belonísia sempre foi muito grande, seja no auxílio para a execução de afazeres domésticos ou até nas travessuras infantis. A primeira parte do livro é narrada por Bibiana. É contado sobre o dia em que ela e sua irmã atreveram-se a mexer na mala que ficava em baixo da cama de Donana, avó delas.

Embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, havia uma faca, que estava guardada há cerca de 7 anos dentro daquela mala de Donana. A curiosidade das meninas fez com que ambas se empolgassem com o que haviam encontrado e, Bibiana, que havia aberto a mala primeiro e a visto, sentiu-se estranhamente atraída pelo brilho daquele objeto estranho, seguida de um desejo incontrolável de sentir o gosto do metal na boca.

Concomitantemente, na intenção de proteção, que surgiu quase na velocidade de um reflexo, temendo que a irmã se machucasse, Belonísia puxou a faca das mãos de Bibiana, deixando em sua boca o rastro do sabor do metal misturado com o também metálico e forte gosto de sangue, que agora escorria pelo canto de sua boca e gotejava de seu queixo. Belonísia foi rápida demais e, antes que Bibiana dissesse algo, sua irmã colocou a faca na boca e depois de tirá-la levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Com a boca cheia de sangue, as duas irmãs perplexas com a situação, escutaram os passos de Donana. Na intenção de esconder a traquinagem realizada, as cúmplices guardaram a faca rapidamente, não tendo conseguido colocar a mala em que estava a faca, embaixo da cama.

Continuamente, ao chegar no cômodo, a avó das meninas perguntou o que estava acontecendo e notou que nenhuma das duas conseguia falar. Desesperados com a estranha situação relatada pela avó, os pais das Bibiana e Belonísia voltaram da roça onde estavam trabalhando e, com um carro emprestado pelo dono da fazenda foram às pressas para a cidade, levando as meninas e a língua de Belonísia em mãos.

Chegando ao hospital para serem atendidas Bibiana narrou o sentimento de vergonha do pai em não poder demonstrar seus conhecimentos de curas alternativas frente aos médicos e enfermeiras que ali se encontravam. O sentimento de medo pelo acidente acontecido com a filha, misturou-se ao medo de Zeca Chapéu Grande de ser ridicularizado em uma sociedade que já o invisibilizava, talvez por sua cor, sua condição socioeconômica, sua religião ou por todas essas coisas conjuntamente.

Diante da situação narrada, torna-se fácil a percepção das marcas causadas nos trabalhadores de Água Negra, representados na figura de Zeca Chapéu Grande e de sua família, pelo racismo e pela invisibilização social. O olhar de curiosidade relatado por Bibiana representa bem o fato de que, dentro da situação análoga à escravidão em que as famílias de Água Negra viviam, sua participação social era praticamente nula e, cada situação excepcional de contato social reforçava a estranheza causada na sociedade, bem como o preconceito racial e religioso sofrido.

Dentro da legislação pátria, o preconceito suportado por todos os moradores de Água Negra, principalmente em relação à cor e ao exercício da liberdade religiosa, é tipificado na Lei 7.716/1989 (Brasil, 1989), na Lei 9.459/1997 (Brasil, 1997) e no art. 140 do Código Penal (Brasil, 1940), assim como o fato de serem mantidos em condição análoga à escravidão também estar tipificado no art. 149 do citado Código.

No decorrer da história do acidente de Belonísia, ao voltar para casa, a família recebeu a notícia de que Donana havia saído e partido rumo ao rio com um embrulho em mãos, com o objetivo de desfazer-se do objeto que machucou suas netas, tentativa que não foi alcançada, uma vez que Donana foi encontrada morta às margens do rio, sem a faca.

Como resultado do acidente, por não ter sido possível salvar a língua de Belonísia, a jovem ficou muda enquanto sua irmã Bibiana, de acordo com o médico que a atendeu, apresentaria somente algumas dificuldades na fala. Desde então, Bibiana passou a ser a voz da irmã, pois a conhecia muito bem, a ponto de saber quais eram seus pensamentos e suas necessidades. Assim, a dinâmica da relação das irmãs muito se transformou em decorrência da nova e total dependência de Belonísia a Bibiana.

Tempos depois do acidente, em uma conversa de Salu, mãe de Bibiana e Belonísia, com as filhas, aquela mencionou uma fala de sua mãe que ressalta a dificuldade percebida pela comunidade de Água Negra em relação ao acesso à saúde, dizendo (Vieira, 2019, p. 12):

Salu disse que eu era a filha mais velha, a primeira de quatro filhos vivos e de outros tantos que nasceram mortos Belonísia veio pouco tempo depois, enquanto minha mãe ainda me amamentava, contrariando a crença de que quem amamenta não engravida. Entre nós duas, diferente dos intervalos entre os outros filhos, não houve natimortos. Dois anos depois que nasceram dois filhos mortos veio Zezé e, por último, Domingas. Entre eles, mais duas crianças que não vingaram. Minha avó, Donana, foi quem ajudou minha mãe nos partos. Era nossa avó, mas também mãe de pegação. Esse era o título que dizia qual era o seu lugar em nossas vidas: avó e mãe. Quando deixamos o ventre de Salustiana Nicolau — os vivos, os que morreram tempos depois e os natimortos — encontramos primeiro as mãos pequenas de Donana. Foi o primeiro espaço no mundo fora do corpo de Salu que ocupamos. Suas mãos côncavas que muitas vezes vi se encherem de terra, de milho debulhado e feijão catado.

A situação de extrema miserabilidade e falta de acesso a vários direitos sociais, sobretudo à saúde, era um motivo ensejador de um alto nível de mortalidade infantil, razão pela qual muitas vezes as rezas, benzeções, cantos e encantos de Zeca Chapéu Grande eram o único remédio daquele povo, carente de tudo.

O misticismo marcante da comunidade praticante do Jarê, apresentado no livro, por meio de suas tradições e ritualísticas diferentes das praticadas nas religiões cristãs, atua como uma alegoria para representar também a invisibilidade social, a pobreza, o esquecimento, a falta de acesso a direitos sociais, o racismo e o machismo percebidos naquela sociedade. Não que as benzeções e o auxílio das manifestações espirituais por eles denominadas de encantados, não tivessem um valor àquela comunidade, mas se faz necessário perceber como muitas vezes para aguentar as dores da vida e as mazelas sociais a eles impostas, somente o apego à fé era capaz de garantir a resiliência necessária para seguir em frente.

A presença constante da morte, os cuidados com os doentes, a fome, o cansaço extenuante das jornadas incansáveis de trabalho e a falta de tudo quanto fosse mínimo a existências dignas, eram dores aplacadas apenas pela união da comunidade em comento em torno de uma fé comum, de uma cultura rica e própria que os trazia o sentimento de pertencer a algum lugar, a algo.

Zeca Chapéu Grande, pai das duas irmãs, era um trabalhador rural, além de ser também o líder religioso do Jarê ali praticado, aquele responsável por ser o “cavalo”, o canal para a comunicação dos espíritos dos encantados com os fiéis. Essa proximidade de Zeca com as entidades do Jarê acabavam por colocá-lo em um patamar de superioridade dentro dessa sociedade, pois era esperado que, pelo poder espiritual confiado a ele, Zeca assumisse a função de cuidar daquelas pessoas, tanto das dores físicas quanto das espirituais.

Por vezes, o pai das protagonistas recebia pessoas que manifestavam diversos problemas espirituais e de saúde e, para facilitar no processo de cura dessas pessoas, Zeca Chapéu Grande as acomodava em sua casa para que os tratamentos empreendidos alcançassem a eficácia desejada. Em um de seus trabalhos, Zeca Chapéu Grande recebeu em sua casa Crispina, da qual o pai se queixava por brigar com sua irmã gêmea por conta de seu noivo.

Na situação narrada pelo pai de Crispina, a filha estaria ficando louca por sua reação exacerbada ao encontrar a irmã deitada com seu noivo. Após um período acomodada na casa de Zeca, entre idas e vindas, acessos de raiva e momentos de calma (Vieira, 2019, p. 28): “Crispina recobrou a saúde, o viço da pele, as forças de jovem lavradora, como grande parte das mulheres que residiam na fazenda”. Curada, então, Crispina deixou, logo após o tratamento, a casa do pai espiritual de toda Água Negra.

Ocorre que a situação narrada deixa subentendido o machismo existente dentro dessa sociedade vítima de tantos outros preconceitos. A despeito de toda miserabilidade e invisibilidade social sofridas, a comunidade de Água Negra também se desenvolvia como uma sociedade patriarcal, organizada sobre o comando social e espiritual de um homem, que poderia utilizar da confiança dos fiéis do Jarê, como o fez, para silenciar uma mulher e fazê-la até mesmo duvidar de sua sanidade mental. A proteção do sogro ao noivo infiel, bem como a proteção de Zeca ao pai da noiva, tornam inequívoco o fato de que a sociedade em comento era organizada por homens para a manutenção de sua dominância sobre o gênero feminino.

Anos após o acidente de suas filhas, Zeca havia convidado um irmão de Salu para morar na comunidade de Água Negra e trabalhar na fazenda. Tendo explicado na oportunidade que o trabalhador podia trazer sua mulher e seus filhos, já que o curso natural naquelas terras eram os filhos, durante a velhice dos pais, substituírem-nos na labuta.

O novo morador também foi informado acerca das condições em que viviam os trabalhadores da fazenda, principalmente, o fato de que não recebiam dinheiro, mas tinham comida disponível para sua subsistência, sendo que, a única regra para a permanência no local seria a obediência às ordens dadas pelo patrão. A situação análoga à escravidão não é tratada de modo direto no livro, eis que, pela simplicidade, os moradores de Água Negra não conseguem se enxergar sob tais amarras. Contudo, no curso da leitura, todas as características do trabalho incansável, exauriente e não remunerado daquele povoado demonstram de forma clara a existência da situação análoga à escravidão.

Pela primeira vez, o tio Servó viu sua irmã Salu e levou sua esposa Hermelita e seus dois filhos para conhecê-la também. A partir dali, as irmãs Bibiana e Belonísia passaram a conviver com Severo, filho de Servó e Hermelita. Aos poucos Severo foi perdendo a timidez que inicialmente apresentava e passou a comunicar de forma mais empolgada com as duas primas. O desenrolar da amizade, inicialmente quase infantil, evoluiu para o envolvimento amoroso entre Belonísia e o primo, por um beijo dado na comemoração do dia de São Sebastião quando Bibiana viu as sombras de Severo e da irmã se unirem sob um umbuzeiro quase seco.

Tomada por ciúmes, Bibiana resolveu contar à sua mãe acerca do beijo testemunhado, fazendo com que sua irmã levasse um surra pelo acontecido. Após essa quebra de confiança que houve entre as duas, a relação das irmãs ficou estremecida, tendo passado algum tempo e muitos sermões maternos depois, até que as irmãs resolvessem seus “calundus”, e voltassem a apoiar-se mutuamente para a comunicação de Belonísia, a convivência com Severo e as brincadeiras do Jarê.

Nesse diapasão, vale explicar que as brincadeiras do Jarê fazem parte da rica e diversa cultura e ritualística dessa religião que é uma variação do candomblé, na região da Chapada Diamantina, considerada como uma espécie de “candomblé de caboclos”. Suas músicas ritualísticas são constituídas de batidas diferentes e com a construção autônoma, pelos fiéis, dos atabaques e outros instrumentos utilizados. De forma real, mas também metafórica, nas músicas das brincadeiras do Jarê, as mulheres dançavam enquanto a figura masculina de Zeca Chapéu Grande regia e organizava tudo. O comando masculino do patriarcado em Água Negra pode ser percebido até nos menores detalhes da convivência social, organizada em torno da autoridade de um homem.

Contudo, por mais que os “encantados” fossem evocados para trazerem a cura por meio da espiritualidade de Zeca, sua conexão sobrenatural ainda não era capaz de livrar os moradores da comunidade de todas as suas aflições

que provinham da natureza, como a alternância de período de secas severas ou chuvas intensas, que sempre atrapalhavam o plantio e a colheita além de destruir as casas dos moradores, que não eram de alvenaria.

Em períodos de seca, as pessoas de Água Negra tinham dificuldade para conseguir comida. No calor, o sol maltratava os trabalhadores braçais e as moscas começavam a aparecer, muitas crianças morriam desnutridas e as que escapavam da morte, emagreciam cruelmente pela fome constante. Já nos períodos de chuvas excessivas, os quintais ficavam alagados, as verduras e legumes plantados estragavam pela quantidade de água absorvida e a estrutura das casas era destruída.

Sob o pano de fundo da miserabilidade extrema, sempre retratada nos entremeios da história, as protagonistas reencontraram Severo nas brincadeiras do Jarê. Bibiana e Severo, então, tornaram-se cada dia mais próximos, até que passaram a se encontrar às escondidas, trocando beijos e carícias mais íntimas. Algum tempo depois, Bibiana começou a sentir enjoos, o que desde o início muito a preocupou, eis que, se ela estivesse grávida, teria que ir morar com Severo que almejava sair do povoado e ir para bem longe, o que certamente iria confinar Belonísia no silêncio absoluto.

Sem relatar seu sofrimento interno, por ocasião da gravidez, Bibiana decidiu ir embora do povoado para acompanhar Severo. Assim, pegou a mala que pertencia a sua avó e começou a guardar suas roupas para partir rumo à cidade, em busca de uma nova vida. Enquanto Bibiana planejava sua fuga, Belonísia assistia tudo, em seu silêncio inescapável de dor que se seguiu até a efetiva fuga da irmã.

4 O casamento de Belonísia e as agressões a Maria Cabocla, como parte de uma cultura violenta às mulheres

A segunda parte do livro é narrada por Belonísia, a irmã que havia sido emudecida no acidente ocorrido com a faca da avó, que é iniciada com a partida de Bibiana com seu primo Severo, sem prévio aviso e sem explicações do que faria e para onde iria. A construção da história permite compreender que a mudança de narrativa, de uma irmã para a outra desperta um novo foco na história, que a partir desse momento não seria tão mais vinculada à imagem de Bibiana, eis que ela teria conseguido escapar do sofrimento perpetrado àquele povo.

Belonísia relatou que por vezes acordava assustada na madrugada com o pesadelo de sempre, desde que sua irmã partiu. Em seus devaneios oníricos, Belonísia levantava para tomar água e procurava pela mala velha de Donana que Bibiana havia levado embora. Indiretamente, pelo relato dos sonhos, pode-se sentir a dor de Belonísia pela falta da irmã e de tudo que ela representava.

Semanas depois da partida de Bibiana, vieram as chuvas incessantes, momento em que da terra subia um frescor que os trabalhadores chamavam de “ventura”. A chuvas fortes e demoradas dificultavam a ida dos trabalhadores para a feira onde compravam e vendiam alimentos plantados na região, resultando, portanto, em uma maior dificuldade de acesso a uma alimentação digna, tornando os trabalhadores de Água Negra totalmente dependentes da mercearia superfaturada que havia na fazenda.

As famílias do povoado, ilhadas pelas chuvas incessantes, não conseguiam alimentar-se daquilo que plantavam, muito menos ir à cidade comprar comida, motivo pelo qual eram compelidas a aceitar os preços superfaturados da mercearia dos patrões, pela urgência da fome. Segundo Junior (2019, p. 68-69): “Na fazenda não havia uma sede onde repousar, só o barracão onde guardava a produção e onde, não podendo ir à cidade, comprávamos mantimentos a preços altos, muito maiores do que na feira”.

A prática dos patrões na tentativa óbvia de ensejar na escravização por dívidas é denominada pela doutrina trabalhista de *truck system*, o que na lei pátria é completamente vedado. Apesar da existência de “vendingas” em propriedades rurais por si só não configurar o instituto em comento, a superfaturação das mercadorias engendra na manutenção de situação análoga à escravidão, em decorrência de dívidas.

A escravidão por dívidas retratada pelo autor com muita sensibilidade e profundidade, ainda muito comum no Brasil, permite compreender a relevância de se coibir o novel tipo escravocrata, motivo pelo qual a vedação ao *truck system* integra a Consolidação das Leis Trabalhistas, em seu art. 462 (Brasil, 1943).

Depois da partida de Bibiana, Belonísia sentiu-se culpada em seu pensamento por não ter relatado à família a sua desconfiança de que a irmã iria fugir com Severo, por não ter conseguido impedir a partida da irmã. O clima da família tornou-se pesado e a esperança de notícias de Bibiana foi depositada na fé pelos espíritos cultuados no Jarê. Nessa época, o prefeito inaugurou a escola que teve sua construção concluída no verão, nomeando-a de Antônio Peixoto, nome do pai dos senhores de terra daquela região. A construção da escola gerou muita discussão na cidade e na comunidade de Água Negra, eis que o machismo presente nessa sociedade patriarcal ensinava em uma crença coletiva de que as meninas não precisavam ir para a escola como os meninos.

Por meio desse pensamento comum, tornou-se perceptível o quanto ainda é enraizado o machismo na sociedade brasileira. Na comunidade de Água Negra as pessoas acreditavam que desde cedo as mulheres deveriam ficar em casa para cuidar do lar, das crianças e das plantações que levariam a comida à mesa. Não obstante, o fato de que majoritariamente as meninas já possuem acesso à educação no Brasil, o relato do livro faz refletir como o machismo persiste e se intensifica em comunidades rurais.

Com a partida da irmã, a rotina de Belonísia passou a ser completamente diferente, pois a falta que sua irmã fazia a deixou muito desmotivada e, por muitas das vezes, a fez preferir sair pelo mato afora com Zeca Chapéu Grande, seu pai, do que ir estudar sem ter do seu lado alguma pessoa que a auxiliasse a comunicar suas necessidades e a entendesse, como a irmã fazia.

Com a abertura da escola, muitos trabalhadores chegaram à fazenda, dentre eles Tobias, que passou a frequentar as festas de Jarê que ocorria na casa da família de Zeca Chapéu Grande. Belonísia passou a observar o homem com mais frequência e Tobias, que já devia saber da deficiência da menina, não fazia perguntas a ela, mas também não se mantinha distante.

A família, pela primeira vez, recebeu uma carta de notícias vindas de Bibiana e Severo, dizendo que estavam todos bem e trabalhando em uma outra fazenda. Bibiana também informou na carta que se aproximava a sua hora de dar à luz a criança que carregava e, gostaria que Salu fizesse seu parto e, que se eles não conseguissem ir para a fazenda onde os pais residem, antes do parto, que iriam ao final do ano. A tão esperada carta de Bibiana gerou diferentes tipos de sentimentos em cada membro da família que flutuavam entre ressentimento, culpa, saudade, amor, preocupação, entre outras coisas.

Como prometido, no final do ano lá estava Bibiana e Severo com a família. Passado esse prazo, Belonísia intensificou seus encontros com Tobias, momentos esses em que pela barreira da mudez, eles apenas se observavam e desviavam o olhar, para demonstrar o interesse de um pelo outro.

O pai de Belonísia, certo dia, a procurou para informar que Tobias teria o pedido para deixar a filha ir morar com ele. O abuso sexual infantil na comunidade escravizada de Água Negra era um fato naturalizado, casamentos infantis eram comuns principalmente sob a ideia da família alimentar uma boca a menos. O que foi relatado no livro, em relação a Belonísia e Tobias é uma situação ainda corriqueira em povoados de baixa renda, principalmente na zona rural, até os dias atuais, sendo que muitas vezes a entrega de criança para o casamento ainda é realizada em troca de dinheiro ou bens.

Belonísia aceitou ir morar com Tobias, escrevendo sua decisão em um pedaço de papel pardo que seria guardado debaixo do colchão. Saindo de casa, Belonísia foi embora a cavalo, com Tobias, para a casa em que morariam. Chegando lá, o homem parecia contente pela companhia de Belonísia. Tobias a levou para conhecer todo o local e disse para ela que poderia fazer o almoço na cozinha, pois havia comida e que ele deveria voltar para roça.

A menina organizou a casa no decorrer do dia na expectativa de fazer daquele lugar a sua morada. Ao pôr do sol, Tobias voltou para casa. Belonísia fez seu jantar e o homem comeu, sem ao menos agradecer pelo que ela tinha feito. Ao anoitecer, deitados na cama para dormir, Tobias a beijava e levantava suas roupas, o que foi motivo de sofrimento à adolescente, ainda virgem à época.

Os detalhes narrados por Belonísia acerca da relação sexual entre ela e Tobias demonstram claramente o livro uma cena de estupro, na qual o homem, sem sua autorização invade seu corpo por deduzir equivocadamente que possui o seu domínio. Nesse diapasão vale pontuar que, a despeito de Belonísia ter aceitado ir morar com Tobias, sua opinião não seria legalmente válida, por não ter ainda idade nubente e, também, ademais, pode-se perceber que em sua ingenuidade, ao aceitar tal pedido, Belonísia não tinha consciência da parte física possivelmente existente em

um casamento. A situação relatada no livro enquadra-se na ideia de estupro de vulnerável, tipo, de estupro marital, como ensina a lei pátria.

Dias se passaram e a rotina de Belonísia continuou restrita ao cuidado da casa, fazer comida para o marido e o satisfazer sexualmente nas noites em que ele voltava do trabalho e bebia um pouco de cachaça. Tobias aparentava a todo momento não estar satisfeito com o que Belonísia fazia, reclamava da comida e dizia que ela não podia mexer em tudo da casa, como se fosse dela.

Em uma das saídas de Belonísia para explorar o perímetro de sua nova morada, ela conheceu Maria Cabocla que morava ali por perto, também era casada e tinha filhos. Um dia após Tobias sair para trabalhar na roça, Maria Cabocla entrou de repente na casa de Belonísia com a roupa rasgada, o corpo tremendo, chorando muito e carregando seu filho caçula.

Belonísia fez um chá e deu para Maria, com o intuito de acalmá-la diante daquela situação. É narrado pela autora que Maria Cabocla apresentava um olho roxo, com ferimentos na pálpebra que a fizeram sentir raiva do marido de Maria, apesar de não conhecê-lo. O sentimento de revolta de Belonísia e o sofrimento de Maria Cabocla trazem à tona a gravidade da violência doméstica, ainda tão praticada hodiernamente.

Naquela noite, Tobias chegou a casa embriagado. Belonísia nunca havia visto o homem naquele estado. Colocou seu prato de comida na mesa e, com as mãos sujas, ele se pôs a comer. Tobias em uma agressividade rotineira, que nada tinha a ver com a desculpa de ter bebido, jogou toda sua comida na direção de Belonísia, proferindo insultos inomináveis à menina.

Belonísia, magoada e assustada com o ocorrido, esperou escutar os roncões de Tobias para se deitar e apenas levantou-se no dia seguinte quando constatou que o trotar do cavalo de Tobias já estava longe. Então, depois de sair da cama, cuidou dos afazeres da casa, cozinhou, arrumou o quintal e saiu de casa rumo à de sua mãe. Chegando lá, viu que Bibiana havia regressado e tinha um bebê em seu colo.

Depois de dois anos sem contato, as irmãs puderam novamente e, dentro das limitações de Belonísia, comunicarem-se. Bibiana contou à irmã como sua vida havia mudado, principalmente pelo fato de ter conseguido fazer um supletivo escolar e ter planos de ingressar no magistério no ano seguinte. Aproveitando a oportunidade, Bibiana convidou Belonísia para apadrinhar um de seus filhos, convite que foi prontamente aceito.

Os dias foram passando e a ignorância de Tobias ainda era a mesma. Até que um dia Genivaldo, um vaqueiro da fazenda, chegou à sua porta e avisou que Tobias estava caído na estrada, provavelmente morto.

A partir da morte de Tobias, Belonísia retomou sua confiança e autoestima, vindo a se tornar uma mulher forte e independente. Sua família, principalmente sua mãe, tentou convencê-la a retornar para a casa dos pais, mas ela, finalmente tendo encontrado paz, optou por aproveitar o silêncio e o sossego de sua nova vida solitária.

Em decorrência de um ferimento no pé de Belonísia como forma de retorno por tudo que ela já havia feito pela amiga, Maria Cabocla a levou para casa para cuidar de seu pé. Chegando lá e vendo a situação da casa, as duas começaram a conversar e Maria contou toda a sua história, desde quando havia chegado ali, até o presente momento, além dos detalhes dos comportamentos agressivos de seu marido e da violência doméstica sofrida na constância do matrimônio.

Menos de uma semana depois, os filhos de Maria foram encontrar com Belonísia para dizer que o marido dela estava louco e batendo de novo na mulher. Depois de tantos atos agressivos de Aparecido, gritos e ameaças, o homem fez uma trouxa de roupas e foi embora, deixando Maria Cabocla em casa com seus filhos e Belonísia. Porém, um tempo depois Belonísia viu que o marido de Maria havia voltado e, desde então, preferiu afastar-se e não se envolver mais.

Como esperado, Bibiana, Severo e seus filhos voltaram para Água Negra. Mas, antes disso, a região havia passado por novos tempos de cheia e estiagem, fazendo com que a fazenda tivesse diversas mudanças, principalmente dos trabalhadores. Muitos daqueles que eram antigos já não mais conseguiam trabalhar.

Bibiana havia formado e agora era professora. Falava bonito e diferente, e tinha em seus planos conversar com o prefeito e ser professora na Escola de Água Negra. Severo, também estudado, viajava para encontrar pessoas politizadas que lhe ensinavam coisas sobre a precariedade do trabalho e sobre o sofrimento do povo do campo.

Os pais de Bibiana e Belonísia, tinham sempre o costume de viajar todo ano para os festejos de Bom Jesus da Lapa, terra de Salu, mas desde o retorno de Bibiana, ambos nunca mais foram para lá. Depois da última viagem realizada, Zeca Chapéu Grande e Salu sentiram o peso da velhice.

Com o corpo cada dia mais fraco, Zeca Chapéu Grande logo partiu, deixando seus filhos, sua esposa e seus ensinamentos de Jarê eternizados nos fiéis de Água Negra. Diante do falecimento do pai, Belonísia, saudosa, narra as histórias de sofrimento sempre relatadas por ele, dentre as quais, pode ressaltar o nascimento do benzedor, que se deu em meio a um charco, em razão de sua mãe, também uma trabalhadora escravizada, ter sido obrigada a trabalhar naquele mesmo dia, sob a vigilância constante dos capatazes dos patrões, que vigiavam as jornadas realizadas e evitavam as fugas dos escravizados. Nesse trecho, podemos compreender que além de diversos direitos trabalhistas violados, o povo de Água Negra sofria lesões profundas em seus direitos fundamentais.

O enterro de Zeca Chapéu Grande foi o último realizado na comunidade, por muito tempo. Haviam mudado os donos da fazenda, que foi vendida para a família Peixoto que, conseqüentemente, alterou algumas regras do local.

Tendo estudado e se politizado, Severo, marido de Bibiana começou a discursar para os moradores do povoado, com a intenção precípua de conscientizá-los acerca de seus direitos e de como reivindicá-los, tendo por algumas vezes, inclusive, realizado embates diretos com os novos donos de Água Negra. Com diversas assinaturas e o apoio dos trabalhadores escravizados, Bibiana e Severo, jovens, estudados e motivados pela vontade e pela esperança da mudança, saíram em busca do apoio de associações trabalhistas.

Após a volta dos dois, as irmãs, em uma noite escutaram barulhos estranhos, Belonísia correu em direção ao terreiro para ver o que estava acontecendo junto com Bibiana. Mas quando chegaram, era tarde demais, Severo jazia no chão, com uma enorme ferida aberta de onde jorrava um rio de sangue. O enfrentamento de Severo aos novos patrões, além de todo seu engajamento na luta pelos direitos dos trabalhadores de Água Negra, teria sido o motivo preponderante de seu assassinato.

5 O canto da encantada: a onisciência de Santa Rita Pescadeira desvendando os mistérios da obra

O terceiro e último capítulo de Torto Arado é narrado por uma entidade cultuada na religião do Jarê diamantino, chamada de Santa Rita Pescadeira. É nesse capítulo que são relatadas algumas perversidades da vida de Donana que poucos sabiam. Além disso, revela o motivo da avó das protagonistas há tanto tempo guardar a faca do acidente das netas envolta por um pano ensanguentado.

Segundo os moradores da comunidade, praticantes do Jarê acreditavam que Santa Rita vivia vagando por corpos daquela região e, um dia, estando entres os trabalhadores, presenciou o depoimento de um dos novos senhores daquela terra, que escancarava a situação análoga à escravidão encontrada lá. Sem medo de represália, o patrão dizia abertamente:

Mas vocês precisam pagar esse pedaço de chão onde plantam seu sustento, o prato que comem, porque saco vazio não fica em pé. Então, vocês trabalham nas minhas roças e, com o tempo que sobrar, cuidam do que é de vocês. Ah, mas não pode construir casa de tijolo, nem colocar telha de cerâmica. Vocês são trabalhadores, não podem ter casa igual a dono. Podem ir embora quando quiserem, mas pensem bem, está difícil morada em outro canto (Vieira, 2019, p. 151).

Mais uma vez, a obra retrata o quão frequente era a prática do trabalho análogo à escravidão, as péssimas condições de moradia, o preconceito e as desigualdades sofridas pelo povoado escravizado. Pode-se compreender pela constância de tais relatos na obra, que o autor buscou sensibilizar mais os seus leitores acerca de situações invisibilizadas pela sociedade, mas ainda tão frequentes.

Por ocasião da morte de Severo, os trabalhadores da fazenda queriam justiça pelo assassinato cometido e, influenciados pelas provocações intelectuais feitas por Severo, em vida, sentiam cada vez mais sede de alcançar seus direitos. Também demonstrando o que muitas vezes ocorre em assassinatos por disputa de terra, o autor trouxe no livro que a perícia no local de morte de Severo havia constatado que, em decorrência de haver um pé de maconha próximo ao local (o que não se sabe ser verdade), Severo teria sido assassinado em uma disputa relacionada à venda de drogas no povoado.

Com o tempo, as coisas foram se aquietando no povoado, sendo que por vezes, os moradores da fazenda apenas lembravam suas dores passadas, como, a exemplo de tal, a memória de Donana que seguia viva com suas netas, principalmente por meio de Belonísia, que sempre carregava uma bolsa de palha com a faca de Donana, que havia causado o acidente e o sumido da avó, por meio de sua morte. Um dia qualquer, por um ato de curiosidade Bibiana, ela viu a faca na bolsa que Belonísia carregava.

Belonísia havia achado a faca na casa de Tobias no primeiro dia que acordara lá; estava escondida em pote de cerâmica que ficava no meio de alguns entulhos que o homem acumulava. Desde então, aonde ela ia, levava a faca junto. As irmãs, no momento da descoberta de Bibiana, lembraram o acidente do passado e se questionaram do porquê Donana guardava aquela faca envolta por um pano sujo de sangue.

O mistério da faca era uma história que as irmãs nunca iriam saber em sua totalidade e a curiosidade que tinham seria carregada para o resto da vida. Mas, Santa Rita Pescadeira sabia a verdadeira versão. Na obra, a encantada conta que Donana havia roubado a faca de uma fazenda, pois acreditava que tal objeto valia um bom dinheiro. O que Donana não contava era que os senhores da fazenda em que trabalhava iriam iniciar uma grande busca para encontrar o objeto furtado, que ela escondia entre seus pertences.

Com a faca já há algum tempo guardada, Donana um dia se revoltou ao ver sua filha embaixo do corpo do até então marido, de alças arriadas, na cama em que se deitava todas as noites para descansar. O fato de ter presenciado a cena do estupro da filha pelo marido fez Donana tomar a decisão de finalmente utilizar a faca furtada. Premeditadamente, em uma noite em que o homem se encontrava dormindo na beira do rio, Donana “o sangrou” como os patrões sangravam os porcos da fazenda usando sua faca, a mesma do acidente das netas, depois disso, encheu os bolsos do marido de pedras e o arrastou para o rio.

O livro é finalizado com Santa Rita Pescadeira relatando as memórias de Donana acerca de cada detalhe da noite de luar em que ela assassinou seu marido. O mistério da faca acabou sendo revelado aos leitores, inobstante as protagonistas nunca terem tido ciência de tal e da maldição da faca, fazendo com que seu brilho convidativo e cortante se tornasse mais compreensível.

6 Considerações finais

A obra apresentada apesar de ficcional traz o vasto estudo e embasamento do autor na realidade vivenciada pelas comunidades quilombolas residentes na Chapada Diamantina. Realidade essa que é ferrenhamente marcada pela fome, pela miséria, pela falta de condições básicas e dignas de moradia, pelo trabalho análogo à escravidão.

De maneira sensível e profunda, toda a crítica social do livro em relação às violações de direitos vivenciadas por essas pessoas, desenvolve-se em meio ao misticismo do Jarê diamantino (assim nomeado vez que no Brasil tal religião somente é praticada na Chapada Diamantina) e as profundas relações construídas entre os personagens, mormente, entre Bibiana e Belonísia.

Dos diversos acontecimentos narrados no livro, mais vale a problematização das simbologias presentes, do que das situações em si. Da fé de Zeca Chapéu Grande e do auxílio dos espíritos cultuados no Jarê, na cura de doenças, percebe-se a dificuldade de acesso à saúde por aquele povo, as mazelas relativas à moradia, fome, miséria, jornadas extenuantes e até a respeito do detalhe das casas que não podiam ser construídas em alvenaria. Concebe-se a existência da condição análoga à escravidão, da “curiosidade” do povo branco da cidade em relação ao povoado de Água Negra e a prática do Jarê. Reconhecem-se o racismo e o preconceito religiosos ainda persistente na sociedade brasileira. No sofrimento de Belonísia e Maria Cabocla com seus respectivos maridos enxergamos claramente a violência doméstica, entre tantos outros exemplos.

Portanto, podemos concluir que a obra apresentada não possui valor apenas em relação à sua carga literária, sua forma de escrita, a peculiaridade da forma em que a história se desenrola, mas também é pertinente e atual em razão de escancarar a realidade de um Brasil muitas vezes esquecido e inferiorizado, por dar voz a grupos minoritários, por divulgar a rica cultura negra no Brasil, honrando as raízes dos povos africanos escravizados e trazer também um fio de esperança na modificação das desigualdades que afetam as pessoas de baixa renda, os negros, os quilombolas e principalmente as mulheres, que por vezes conseguem integrar mais de um grupo vulnerável ou minoritário e por isso são ainda mais vulnerabilizadas no contexto social.

7 Referências

- BRASIL. *Decreto-lei nº 2.848*, de 7 de dezembro de 1940. Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. *Decreto-lei nº 5.452*, de 1 de maio de 1943. Rio de Janeiro, 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452compilado.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 7.716*, de 5 de janeiro de 1989. Diário Oficial da União: Brasília, 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.
- BRASIL. *Lei nº 9.459*, de 13 de maio de 1997. Diário Oficial da União: Brasília, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm. Acesso em: 28 abr. 2023.
- CNN. *Nosso mundo entrevista Itamar Vieira Júnior, autor de 'Torto Arado'*. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/cnn-nosso-mundo-entrevista-itamar-vieira-junior-autor-de-torto-arado/>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Bomtempo, 2016.
- EL PAÍS. *Tudo em 'Torto arado' é presente no mundo rural do Brasil. Há pessoas em condições análogas à escravidão*, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-12-02/tudo-em-torto-arado-ainda-e-presente-no-mundo-rural-brasileiro-ha-pessoas-em-condicoes-analogas-a-escravidao.html>. Acesso em: 28 abr. 2023.
- LEYA. *Vencedor 2018*, 2018. Disponível em: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-actividade/premio-leya/vencedor-2018/#:~:text=O%20Pr%C3%A9mio%20LeYa%202018%20%C3%A9,num%20contexto%20dominado%20pela%20sociedade>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- RAMOS, Francine. *Torto arado: uma realidade esculpida diante dos olhos*. Disponível em: <https://livrocafe.com/2022/03/torto-arado-uma-realidade-esculpida-diante-dos-olhos/>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo, 2019.